

Uma tarefa nada fácil

Bonn — O ministro Maílson da Nóbrega terá hoje uma tarefa que não é fácil: explicar a um grupo de ecologistas o que o Governo brasileiro faz para a proteção do meio ambiente. O grupo de cinco pessoas faz parte da organização internacional **NGO Network** e será liderado pela americana Barbara Bramble. A questão principal — disse ela — são as obras hidrelétricas e siderúrgicas.

Os ecologistas vão pedir ao ministro que influencie seus colegas do Governo para que adotem uma nova política. A ecologia é aliás um tema central na reunião do FMI e Banco Mundial, tanto nas programações oficiais como no congresso em si. “O Governo brasileiro mudou de repente e passou a mostrar mais consciência dos problemas ambientais, mas se isso é apenas demagogia ou é mesmo levado a sério eu não sei”, disse Barbara Bramble.

Os ecologistas já estiveram reunidos com o presidente da Eletrobrás e, esta semana, com o vice-presidente do Banco Mundial, David Hopper. As principais reivindicações dos ecologistas são o fim dos projetos de grandes hidrelétricas, bem como da indústria siderúrgica na Amazônia e no Maranhão. Só o projeto Carajás significará a destruição de milhões de hectares de floresta, embora como diz a ecologista, não tenha razão econômica.

Ela vai pedir ao ministro que enpregue de forma diferente um empréstimo de US\$ 500 milhões que será liberado pelo Banco Mundial, em “investimentos alternativos, menores e na busca de tecnologia para a poupança de energia”. Representantes de várias organizações ecológicas brasileiras vieram a Berlim para apoiar a ação. Eles foram convidados pela Igreja Luterana, bem como por organizações do meio ambiente da Europa. São os “amigos da terra internacional”, a “ação democrática feminina”.

Passeatas

A atual reunião do FMI/Banco Mundial é em tudo inédita. Pela primeira vez, Berlim Ocidental é palco de um acontecimento tão gigantesco. Com dez mil policiais e mil guarda-costas, a cidade conta também com um recorde. Mas são as passeatas diárias o que mais movimenta a vida de um berlinense comum. Elas acontecem diariamente na Kurfuerstendamm, mais conhecida como “Ku’damm”, a tradicional avenida que antes da guerra era a vitrine da burguesia.

“Tem sido impossível levar os passageiros aos lugares que eles querem”, reclama a motorista de táxi Ingrid Schubert. Na verdade, caminho livre por Berlim só têm os dez mil felizar-

dos que dispõem de um crachá da reunião. A estes, o governo adverte manter distância dos manifestantes.

Na noite da última segunda-feira, o caos da Kudamm terminou em alguns feridos e foi mais uma dor de cabeça para Ingrid Schubert. Mas será amanhã, com a anunciada grande passeata dos “autônomos”, que os dez mil visitantes poderão ver algo que é tipicamente berlimense: os grandes confrontos entre alternativos e policiais.

Os autônomos — o nome vem do fato de eles não serem ligados a nenhuma organização — são os mais radicais anarquistas e por isso são chamados também de “caóticos”. Eles estão dispostos a fazer longas viagens só para participar de uma demonstração, qualquer que seja o seu tema, desde que vá contra o establishment.

Oriental

Mas também em Berlim Oriental há protesto. Só na noite da última segunda-feira, 500 pessoas foram às ruas para protestar contra a reunião da outra parte da cidade. Quem também lucra com a reunião financeira em Berlim Ocidental é Berlim Oriental. Enquanto os representantes dos países do Terceiro Mundo imploram por dinheiro, mas sem conseguir, os banqueiros foram ao outro lado do muro para oferecer os seus dólares. Cerca de 1.500 representantes de bancos estão hospedados na parte oriental da cidade, em hotéis de luxo onde a diárida chega ao preço de até três mil marcos (cerca de Cz\$ 560 mil).

Um desses banqueiros calcula em meio milhão de marcos o lucro da Alemanha Oriental, país que não é membro do FMI, na atual reunião. Em contrapartida, ela oferece o que tem de melhor: o seu grande hotel, onde o ambiente altamente luxuoso concorre com o palácio da rainha da Inglaterra, grande limusines com motorista e renúncia à burocacia. Enquanto o jornalista brasileiro Luís Cláudio Cunha, do Estado de São Paulo, teve que entregar na fronteira tudo que tinha de material escrito, ao fazer uma visita à cidade, os banqueiros podem levar jornais, revistas ou impressos mais comprometedores e passam no checkpoint Charlie sem serem molestados por policiais.

Também do outro lado do muro, passagem garantida só tem os que têm o crachá do FMI. Embora na atual reunião do FMI o assunto principal seja a dívida externa dos países em desenvolvimento, eles não são os únicos a sofrerem do problema de dever em moeda forte. A dívida dos países socialistas é calculada em cerca de US\$ 100 bilhões, sendo que a Polônia sozinha é responsável por cerca de 40% desse total.